

**○ “PODER” NA FALA  
DA MULHER: A  
HETEROGENEIDADE  
DISCURSIVA E A  
IDENTIDADE FEMININA  
NA PÓS-MODERNIDADE**

SANTOS, Kátia Aleksandra dos <sup>1</sup>  
Orientadora: Dra. Maria Aparecida Honório (UEM)

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Lingüísticos pela Universidade Estadual de Maringá (PR).

**Resumo:** Falar da mulher no contexto da chamada pós-modernidade é tocar num ponto nevrálgico, já que precisamos pensar sua constituição num momento de crise dos gêneros, em que as fronteiras identitárias vêm se alterando. Tendo em vista que a partir do discurso (e da entrada no simbólico) é que nos configuramos como sujeitos, e mais que isso, que a designação de gênero é a primeira com a qual o "outro" nos nomeia, proponho, neste trabalho, pensar a identidade feminina a partir do discurso feminino, vindo-o sob o signo da heterogeneidade, conforme o conceito concebido na terceira fase da Análise do Discurso de linha francesa. Para isso, tomo entrevistas realizadas com mulheres de perfis heterogêneos e as analiso sob o foco de alguns pressupostos da AD, sobretudo no que diz respeito à heterogeneidade constitutiva e o interdiscurso, e alguns conceitos de base psicanalítica ligados à constituição do sujeito. Nesse artigo analiso especificamente as ocorrências do verbo "poder" na fala das entrevistadas em enunciados que demonstram a constituição heterogênea do discurso feminino. Pretendo, dessa forma, poder vislumbrar a configuração do sujeito mulher como ser heterogêneo que é, constituído com base no discurso do "outro", procurando compreender quem é este "outro" que o constitui contraditoriamente. Desta perspectiva, observaremos o funcionamento deste "outro" que não é o sujeito homem, mas sim o modo como a mulher resignifica o discurso do sujeito homem em seu dizer, tendo em vista um interdiscurso que se ordena a partir de memórias recortadas da sociedade patriarcal em relação à sociedade pós-moderna.

**Palavras-chave:** discurso feminino, heterogeneidade, pós-modernidade.

**Abstract:** Talking about the female role into the post-modernity context is touching a nerve, since we need to think about its constitution in a moment of gender crisis in which the identity frontiers are changing. The discourse (taking into consideration the symbolic language) enables us to constitute ourselves as *subjects* and, moreover, we are named by the "Other" on a gender designation basis. Having all these in mind, the present paper intends to think the female identity based on the female discourse having in sight the heterogeneity in addition to the concept developed in the French line of the Discourse Analyses (DA - 3rd phase). For this purpose, we interviewed women that present heterogeneous profiles in order to analyze those interviews bringing some DA conceptions into focus; mainly of them concerning the constitutive heterogeneity and interdiscourse as well as some psychoanalyst aspects connected to the *subject* constitution. This paper deals specifically with the occurrences of the verb "*can*" into the women's speeches. Their enouncements demonstrate the heterogeneous constitution of the female discourse. Besides, we intend to see the configuration of the female subject as a heterogeneous being constituted on the basis of the "Other's" discourse. We are also trying to find out who this "Other", which constitutes the named *subject* in a contradictory way, is. We aim at verifying how the "Other", which is not a male *subject*, works, that is, how the female signifies the male discourse into her sayings having in mind an interdiscourse that is ordered from memories extracted from the patriarchal society for further relation to the post-modern one.

**Key-words:** female discourse, heterogeneity, post-modernity.

Passado já o período da Modernidade, vivemos numa fase que, talvez por falta ainda de uma caracterização mais precisa, chamamos de pós-moderna. “Pós-modernismo” é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950)” (SANTOS, 1986: 7-8). Esse movimento tem seu início simbólico com a bomba de Hiroshima e surge com maior força nos anos 60, sobretudo nos países de primeiro mundo, onde o fenômeno aparece com maior nitidez. A pós-modernidade é o advento do individualismo, do simulacro, da perda dos limites, da robotização, do consumo e, até podemos dizer, do caos, marcada pela “heterogeneidade dos jogos da linguagem” (LYOTARD, 2004: 17). Nesse contexto é que começam a emergir novas configurações identitárias, renunciando a alguns paradigmas, inaugurando outros, enfim, os gêneros começam a passar por profundas modificações. Homens e mulheres vivem, então, sob o signo pós-moderno do niilismo, do consumo, da tecnologia e do prazer, tudo isso acoplado a um ecletismo de gostos e idéias que desemboca numa desconstrução de valores e conceitos (espólio nietzscheano), o que modifica sobremaneira a formação das identidades, dada a incredulidade nos metarrelatos que vem sendo disseminada.

Considerando esse contexto como condição de produção sócio-histórica, proponho, nesse artigo, pensar a identidade feminina a partir do seu discurso, já que é a partir dele que nos configuramos como sujeito, se considerarmos que o discurso é a via de materialização da ideologia e essa é a “condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2002: 46). Analiso algumas ocorrências/recorrências presentes na fala de algumas mulheres que foram entrevistadas, em que fica evidente a presença de um discurso outro de cunho machista, discurso esse que estranhamente ressignifica e constitui a fala da mulher. Para isso, trabalharei na esteira da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) com os conceitos de **heterogeneidade constitutiva**, emprestado de J. Authier-Revuz, (1990), bem como de **interdiscurso**, conceitos que me permitem pensar o discurso feminino não sob o signo da homogeneidade e da intencionalidade, mas vê-lo como objeto heterogêneo que é, e

por isso, permeado por um Outro; e voltado a uma exterioridade que posso chamar ideológica que o constitui e o determina.

Nesse sentido, o sujeito que aqui é considerado não é o sujeito psicológico, intencional, mas aquele que **“só é sujeito quando fala**, sujeito ‘produzido’ pela linguagem como estruturalmente clivado por um inconsciente, sujeito destituído de toda posição de exterioridade, a não ser imaginária, com relação à linguagem e a seu dizer” (grifo meu) (AUTHIER-REVUZ, 1998: 169).

### PENSANDO A QUESTÃO DO GÊNERO: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

Como tomo por objeto a heterogeneidade do discurso, busco respaldo (mesmo que de relance) na teoria psicanalítica de base lacaniana, a qual me parece bastante pertinente no sentido de pensar as formas de identificação pautadas no conceito do Outro que nos significa.

Faz-se necessário abrir um pequeno parêntese para esclarecer a utilização dos termos “Outro” e “outro” neste trabalho. Quando falo da presença de um discurso “outro” estou me referindo a um discurso machista, efetivamente produzido, historicizado e esquecido, que retorna sob a forma do simulacro na fala da mulher. Quando falo em “Outro”, estou pensando na atuação do Inconsciente, não tomando nenhum discurso específico, mas um discurso maior, um já-dito imemorial, o “além-interdiscursivo”, conforme a denominação pècheutiana (1983), que constitui sob o signo da heterogeneidade a fala feminina. Fecho parênteses.

Sabemos pela Psicanálise que todo ser humano é um ser faltante, desejoso, barrado pelo Simbólico, que é justamente a intervenção da linguagem que nos afasta do Real, e esse aspecto se intensifica na figura feminina, dada a falta anatômica do pênis que se ressignifica como falo, admitindo uma outra cadeia de significações. Conforme afirma Prates, “ao alinhar a Mulher à falta, Lacan paradoxalmente ‘positiva’ sua função na psicanálise, reservando-lhe um lugar conceitual próprio, mesmo que seja um lugar que insista em não existir.” (2001: 26). Pensando esse lugar designado à mulher, é necessário levar em conta que “as formações da linguagem precedem os indivíduos e os inscrevem

em determinadas posições na ordem simbólica; assim, ‘homem’ e ‘mulher’ são os primeiros significantes que nos designam” (KEHL, 1998: 11). Portanto, a língua, que instaura o indivíduo no simbólico, é determinante na constituição dos gêneros.

Prates (2001) questiona até que ponto o rótulo “feminino” se aplica a algo construído essencialmente por mulheres. Se partirmos do pressuposto que nos constituímos a partir do “desejo do outro”, a feminilidade tem suas bases numa construção masculina. Isso parece um tanto assustador, mas Lacan, em um dos seus axiomas, já dizia ser a mulher o “sintoma do homem” (apud KEHL, 1996: 59) e essa é uma lógica que se reproduz, conforme a hipótese desse trabalho, nas nossas próprias falas, mesmo num contexto em que o papel da mulher parece estar se deslocando dos papéis de submissão e do espaço doméstico. Precisamos pensar também que, se a mulher se constituiu enquanto tal numa posição de rebaixamento em relação ao homem, isso “corresponde a uma realização de desejos não só da parte dos homens, mas também das mulheres” (KEHL, 1996: 56). Assim, se a mulher se originou do desejo masculino ela, por sua vez, inibiu o “seu” desejo, tornando-se mero objeto do desejo do “outro” e nisso reside uma parcela de culpa sua também.

Tomando a mulher enquanto “grande recalçada do campo social” (KEHL, 1996: 59), não podemos esquecer, é claro, que essa postura se impôs de certa forma, já que forçosamente, por suas características físicas, a mulher ficou relegada ao espaço doméstico e às atividades maternas. O que dizer, então, daquela que não é mãe e nem dona de casa? Essa precisa (re)construir uma identidade dentro da sociedade na qual se insere e, ao que parece, isso vem ocorrendo, pois hoje as mulheres só se sentem bem, só são bem vistas na sociedade a partir do momento que “roubam o fogo”, vão à luta, trabalham.

### **“PODER” VERSUS “NÃO PODER”: O (O)OUTRO COMO CONSTITUTIVO NA FALA DA MULHER**

A constituição do *corpus* de análise, conforme já mencionado, parte de entrevistas realizadas com mulheres de perfis diversificados. Foram feitas dez entrevistas, com mulheres de 15 a 51 anos, de níveis sociais diferentes e profissões diver-

sas. Quanto às condições de produção, partindo primeiramente dos sujeitos pesquisados, esclareço (para fins metodológicos) que: das dez entrevistadas, cinco eram solteiras, três casadas, uma viúva e uma separada; quanto à profissão: duas eram professoras, quatro estudantes (três universitárias e uma do Ensino Médio), uma empregada doméstica, uma comerciante, uma aposentada e uma funcionária pública.

O procedimento das entrevistas ocorreu da seguinte maneira: abordei as entrevistadas, disse que estava fazendo uma pesquisa sobre o comportamento feminino e gostaria de conversar, fazer algumas perguntas. A entrevista foi feita de forma aberta, mas não deixei de abordar as seguintes questões:

*Você gosta de ser mulher? Por quê?*

*Qual a diferença entre ser homem e ser mulher? Quais os pontos positivos e/ou negativos no fato de ser mulher?*

*Você quer (sempre quis) se casar?*

*Você quer (ou sempre quis) ser mãe?*

Muitas questões emergiram da fala das entrevistadas e poderiam ser tomadas como objeto de análise; contudo, tendo em vista a delimitação que se impõe pelo espaço (físico), propus-me a analisar nesse artigo apenas as ocorrências do verbo “poder”, tendo em vista a reiteração do referido verbo nas falas das entrevistadas.

Importante colocar também que, apesar de ter dado algumas características das entrevistadas, estou as “homogeneizando” no processo de análise. Isso significa que não as tomo individualmente, não especifico as falas, explico por qual motivo o faço: estou tomando aqui a fala das entrevistadas como reflexo de suas posições-sujeito, ou seja, dadas as condições, elas estão nesse momento na posição de mulheres, respondendo pela condição “mulher”. Além disso, o objetivo do trabalho é observar via discurso a identidade feminina e não a identidade particular das entrevistadas.

Antes de partir para a análise das ocorrências do verbo selecionado, é preciso atentar para a polissemia de “poder”. Conforme o *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2004), “poder”:

Vem do latim vulgar *potere*, calcado nas formas *potes*, *potest* e outras de posse.

Verbo transitivo direto: 1. ter a faculdade de; 2. ter possibilidade de, ou autorização para; 3. estar arriscado ou exposto a; 4. ter ocasião, ter oportunidade, meio de, conseguir; 5. ter força para; 6. ter calma, paciência para (...). Verbo intransitivo: 1. ter possibilidade; 2. dispor de força ou autoridade. Substantivo masculino: 1. direito de deliberar, agir e mandar; 2. faculdade, possibilidade; 3. vigor, potência; 4. autoridade, soberania, império; 5. domínio, influência, força. (FERREIRA, 2004: 1584).

Como se pode perceber pela entrada do dicionário, há muitas formas semânticas de se tomar o sintagma “poder”. A classificação em verbo transitivo direto (poder alguma coisa), verbo intransitivo (poder) e substantivo masculino (o poder) já nos dá algumas pistas dessa polissemia. Os principais sentidos que depreendemos da fala das entrevistadas, desconsiderando as classificações gramaticais, giram em torno de “possibilidade”, “permissão” e “capacidade”.

A forma negativa “**não poder**” apareceu em maior número, o que marca a questão do **interdito** que surge na fala das entrevistadas. “*Mulher não pode fazer certas coisas*”. Não conseguiram explicar os motivos, algumas diziam “*por que não*”, acentuando uma verdade absoluta, apesar de totalmente arbitrária, sinalização de um pré-construído no espaço interdiscursivo. Outro fator digno de nota é que a questão do interdito aparece por duas vias: pela negação (o que a mulher não pode fazer) ou ainda pelo silenciamento, demonstrado na impossibilidade de explicitar o que exatamente não se pode fazer. Aparece nas falas o vazio, o lugar do impossível de ser verbalizado que se faz pela generalização: “*mulher não pode fazer certas coisas*”; “*algumas coisas*” “*muitas coisas*”, etc.

Os principais interditos levantados pelas mulheres giram em torno de sair sozinha (tanto para viajar, quanto sair à noite, ir a um bar, etc.); alguns interditos sexuais também, e outros de ordem financeira: meninas dependem mais dos pais financeiramente e têm dificuldade para encontrar um emprego.

Nesse último caso, em relação a emprego, surge um fator bastante interessante que nos remete à divisão do traba-

lho (manual e intelectual) vista de forma naturalizada: a via única apresentada é estudar para, depois, poder ter independência financeira, mas somente em profissões intelectuais, afinal "*mulher não pode trabalhar em qualquer coisa*". Aqui, a questão ideológica é muito marcada: a divisão do trabalho e o interdito são questões sociais arraigadas por uma ideologia capitalista e patriarcal, mas que se encontram legitimadas, já que discursivizadas sem o peso da história. Quero dizer com isso que a memória histórica desses "fatos" discursivizados -a divisão do trabalho e o interdito em relação ao sexo feminino- parece ter sido "apagada". Esse "apagamento" ocorre pelo esquecimento nº I, de ordem ideológica, que, via interpelação/assujeitamento, produz a ilusão da transparência da linguagem e da forma-sujeito, ou seja, a ilusão que permite a todo indivíduo identificar-se como sujeito do discurso, ou melhor, como EGO, instância produzida pelo imaginário (no sentido lacaniano do termo).

Temos ainda outras ocorrências do verbo "poder" em que a interpelação ideológica se materializa via discurso: "*Eu queria ser meu irmão, pra poder ter mais liberdade... viajar, poder fazer muitas coisas*"; "*mulher é proibida de fazer muitas coisas, tudo não pode, enquanto homem pode tudo*". "Poder", nesse momento, não aparece no sentido de "possibilidade", mas como interdito social. O interessante é que, da forma como aparece nas falas, o efeito de sentido é de um interdito natural. Nessas falas sobre o que a mulher pode ou não fazer, está inscrito um discurso que é social, imemoriável, pertencente ao que podemos chamar de uma formação ideológica (FI) patriarcal. Esse discurso reproduz uma lógica asentada ideologicamente desde muito tempo e que acaba cerceando a ação da mulher na sociedade. Transparece no discurso que o que pertence ao "poder" está relacionado ao homem, enquanto o "não poder" diz respeito à mulher.

Essas vozes que ecoam na fala da mulher remetem a um discurso outro que constitui o discurso feminino de forma contraditória, já que está ancorado num interdiscurso de base machista. O **interdiscurso** "designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em fun-

ção de relações de dominação, subordinação, contradição” (MALDIDIER, 2003: 53); é ainda o que Orlandi (2002) chama de o “eixo do dizível”, ou seja, o que rege o dizer. Nesse caso, temos um discurso machista, não associado empiricamente a nenhum indivíduo, mas que ressoa, possibilitando o dizível e se materializando na fala das mulheres por conta de uma dominação ideológica que as assujeita. Na verdade não é propriamente o discurso machista que aparece na fala da mulher, ele retorna sob a forma do simulacro, resignificado e, além disso, transformado numa voz imemorial, já assimilada pelo inconsciente, o Outro que fala (falha) em nós.

Pêcheux, ao comentar sobre os novos caminhos da AD em sua terceira fase, fala da consideração do *discurso-outro*, que se faz pela presença da heterogeneidade mostrada (as marcas do discurso alheio colocado em cena pelo sujeito), mas, sobretudo pela heterogeneidade constitutiva, condição primeira do discurso, que se faz pela “insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’, enunciador estratégico que coloca em cena ‘sua’ seqüência” (Apud GADET; HAK, 1993: 316-317). O que Pêcheux chama de um “além” interdiscursivo, podemos entender como o Outro, o inconsciente, que se estrutura via discurso identificando-se com o sujeito, ao mesmo tempo que o desestabiliza “nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa” (Apud GADET; HAK, 1993: 317).

Considerando que a heterogeneidade constitutiva é condição de todo discurso, assumimos uma concepção de discurso como constituído pelo interdiscurso e também pelo inconsciente. “Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado” (AUTHIER-REVUZ, 1990: 28). É a partir desse prisma que a questão da identidade vai se colocando: sob a égide do descentramento, da divisão, do Um que é atravessado pelo outro e pelo Outro.

Também aparece, nas falas analisadas, um discurso um pouco mais atualizado, mas não menos ilusório, de que a liberdade da mulher está muito ampliada hoje. Esse tipo de discurso traz, de uma certa forma, um consolo para as mulheres, o que acaba viabilizando um conformismo perante a situação atual. Vejamos as redes parafrásticas desse enunciado na fala das entrevistadas: *Mulher **pode** fazer 'quase tudo', só algumas coisas não pode fazer*"; *"Não sei, acho que **pode fazer tudo**. É claro que **não pode** ser como os homens, mas hoje em dia a mulher tem muito mais liberdade do que até um tempo atrás*". Nesses excertos, está clara a presença do interdiscurso, que se atualiza nessas falas graças às condições específicas de produção, ou seja, somente pode ser dito e compreendido um discurso como esse porque o momento histórico e as questões ideológicas assim o permitem. Há um discurso extremamente machista que afirma que a mulher não possui igualdade de direitos em relação aos homens; há, ainda, um outro discurso que nega o primeiro e é esse discurso que aparece no momento atual. Interessante perceber que, como ele aparece para negar um discurso primeiro, ambos são interdependentes e só existem um em função do outro.

A duplicidade dos discursos presentes nesses enunciados sobre a suposta emancipação da mulher pode ser percebida no nível mesmo da formulação: ao dizer que a mulher pode fazer "quase tudo", uma falta é instaurada: afinal ela pode fazer "quase", mas não tudo, sem falar no silenciamento sobre o que efetivamente ela não pode fazer. Ainda podemos observar a materialidade desses discursos contraditórios através das "escolhas" lingüísticas feitas, como na oposição: "é claro" e "mas". "É claro" insere algo dado como verdade inquestionável: o fato de a mulher não poder ter a mesma liberdade que o homem; contraditoriamente, o "mas", em seu papel adversativo, faz uma ressalva, afirmando a "liberdade" atual conquistada (ou recebida como esmola?) pelas mulheres.

A atualização do discurso machista aqui produz um "efeito de sentido" de libertação da mulher: ela pode "quase" tudo, está "quase" em pé de igualdade com o homem; e ainda

um outro efeito de conformidade, já que “hoje em dia ela tem muito mais liberdade do que até um tempo atrás”, enunciado que traz no seu interdiscurso um outro, que afirma: “você já evoluíram muito, vamos com calma, não está bom assim?”.

Ainda aparece a questão do **interdito sexual** sob a forma do mesmo verbo: “mulher **não pode** ficar com muitos parceiros, *é feio*”. A expressão utilizada “é feio”, enunciado bastante comum para designar conduta reprovável pela sociedade, remete a uma formação discursiva (FD) que alia a questão estética ao padrão moral. Assim, tudo que está fora dos padrões morais impostos socialmente é visto com maus olhos, aliado mais do que ao reprovável, ao esteticamente não aceito. E quem deseja estar fora dos padrões de beleza? Instrumento bastante eficaz de controle, portanto.

Outra entrevistada assim diz:

*“A mulher **é privada** de muitas coisas. Ela não tem de jeito nenhum, apesar de toda a evolução, a mesma liberdade do homem. O homem desde cedo tem privilégios: pode sair de casa mais cedo, não há tanta vigilância por parte dos pais; pode se envolver com quantas mulheres quiser ou puder (risos). Para a mulher tudo já é mais cheio de regras, temos que manter um certo padrão moral”.*

Uma outra ainda afirma:

*“A mulher na verdade **pode fazer tudo** o que quiser, o problema são as conseqüências, nosso meio ainda é muito conservador, a mulher é privada de muitas coisas”.*

Nos dois enunciados, a palavra “privada” é recorrente e aparece sob outras formas como “*não é permitido*”. É interessante notar que a origem dessa privação não é mencionada, como se fosse dada *a priori*. Na verdade, é exatamente isso que ocorre: as condições para que esses discursos sejam veiculados, pertençam ao eixo do dizível, são mesmo dadas anteriormente a qualquer fala e, portanto, já estão arraigadas de tal forma na nossa memória discursiva que se colocam de forma naturalizada.

Sendo assim, o que a mulher **pode** ou **não pode** fazer (e falar, sobretudo) diz respeito a toda uma construção social de conduta feminina legitimada pela história e pela ideologia e que se mantém graças aos discursos que a materializam e

regulamentam. Dessa forma, podemos perceber a estreita relação entre história, ideologia e discurso como unidades que se intercalam e não podem, por isso, ser consideradas isoladamente. Atravessando todos esses aspectos, ainda há a presença quase fantasmagórica do inconsciente, instância estritamente ligada à ideologia e igualmente constitutiva do discurso e do próprio sujeito. Daí a heterogeneidade de ambos.

### **“TENTANDO” UMA CONCLUSÃO: COMO PENSAR A IDENTIDADE NUM CENÁRIO PÓS-MODERNO?**

Nas vozes dessas mulheres, podemos perceber uma fala que é essencialmente heterogênea. A heterogeneidade que prepondera aí é a constitutiva, já que os enunciados de uma FD machista, ou mesmo oriundos de alguns aparelhos ideológicos como a igreja, a escola, etc, são ditos como parte de um discurso da mulher, como se nela tivessem se originado. Mais que isso, é preciso salientar que essa heterogeneidade não é muitas vezes visível ao sujeito, uma vez que não determina o efeito de sentido, pois se partirmos de uma

[...] teoria do discurso e do interdiscurso como lugar de constituição de um sentido que escapa à intencionalidade do sujeito, desenvolvida por M. Pêcheux; e, de modo central, a teoria elaborada por Lacan, de um sujeito produzido pela linguagem como estruturalmente clivado pelo inconsciente-, consideramos que o dizer não poderia ser transparente ao enunciador, ao qual ele escapa, irrepresentável, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso. (AUTHIER-REVUZ, 1998:17).

A colocação de J. Authier nos permite pensar a constituição do sujeito sobre a determinação interdiscursiva e do inconsciente. Os sentidos deslizam na esfera da discursividade, que por sua vez, estrutura sujeitos ideológicos e descentrados pela presença do Outro que se instaura pela própria linguagem. Sendo assim, vendo a impossibilidade de um sujeito cartesiano, como pensar a identidade feminina nessa conjuntura teórica? Acredito que podemos pensá-la tal como viemos pensando o sujeito nessa perspectiva: considerando a heterogeneidade que o constitui e que o torna um sujeito do seu tempo: da pós-modernidade.

Nesse sentido, o pós-modernismo, tomado como a forma de cultura contemporânea,

vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades” (EAGLETON, 1998: 7)

Dessa forma, a identidade feminina não pode ser tomada como um conceito fechado, dadas as condições do sujeito pós-moderno. Podemos dizer que ela vem sendo (des)construída, já que constituída de forma heterogênea, com base num sujeito atravessado pela instância do interdiscurso e do inconsciente. Se a mulher se constitui justamente pela “falta”, pela contradição, é a partir daí que precisa ser vista, justamente pelo que “falha” na sua pretensa homogeneidade identitária.

#### REFERÊNCIAS:

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, (19):25-42, jul/dez, 1990. Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi.

\_\_\_\_\_. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FERREIRA, A.B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GADET, F.; TAK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

KEHL, M.R. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LYOTARD, J. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo C. Barbosa; posfácio: Silvano Santiago. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje.** Trad. Eni. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 4ª Ed, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni P. Orlandi et al. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PRATES, A. L. **Feminilidade e experiência psicanalítica.** São Paulo: Hacker Editores: FAPESP, 2001.

SANTOS, J.F. **O que é Pós-Moderno?** 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TEIXEIRA, M. **Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso.** 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Cascavel

REVISTALÍNGUAS & LETRAS

Versão eletrônica disponível na internet:  
[www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber)